

literatura que buscamos é uma literatura criativa, da beleza de ódio e de revolta contra esta realidade.

(*Pensamento Moderno*, Capítulo 1, Volume 9, 1º de junho de 1913)

a expansão da vida

I

Na edição de “A verdade da conquista”, discorri a respeito da conquista como “verdade fundamental da sociedade humana durante alguns ou vários milhares de anos entre o passado, o presente e o futuro próximo”. Concluí que “enquanto não se tiver uma certa compreensão, não se pode compreender corretamente seus fenômenos”.

Assim, estendi esse pensamento ao mundo da arte, observando que “nesta Verdade da Conquista e até onde ela não encontra resistência, vossas obras são brincadeira e diversão”. Pode ser só uma resignação que nos faz esquecer a pesada realidade que nos impele para a rotina diária. É um elemento fundamental de uma fuga sistemática.

E, no final, chegamos à seguinte conclusão:

“Permanecer na beleza estática do transe em que estamos é uma questão de escolha. Quero admirar a beleza dinâmica que nos trará êxtase e entusiasmo. A literatura

que buscamos é uma literatura criativa, da beleza do ódio e da revolta contra essa realidade”.

Agora, entrarei novamente nesta questão e aprofundarei o contato entre estes três termos. Assim, darei um pouco mais de clareza ao meu argumento.

II

Não é preciso dizer que, ao se falar do eu, a *expansão da vida* tem sido a tônica do pensamento moderno. É o alfa e o ômega do pensamento moderno. Porém, para entender o que é o eu ou a expansão do eu, há um primeiro ponto em que devo tocar.

Em relação ao eu, existe o senso amplo e o estrito. Neste momento, vou considerar a moral do indivíduo no senso mais estrito possível. O verdadeiro sentido desta vida é o eu. E o eu é, em essência, uma espécie de força. É o tipo de força que segue a lei das forças dinâmicas.

A força deve imediatamente aparecer em forma de ação. Qualquer que seja o poder, sua existência e sua ação são sinônimos. Assim sendo, a ação do poder é inevitável. A ação, por si só, é completamente força. A ação é o único aspecto do poder.

Portanto, a lógica inevitável de nossas vidas é determinar ações para nós mesmos. Mais do que isso, determinar nossa expansão. Qualquer que seja a ação, ela representa o desenvolvimento de uma existência no espaço. No entanto, a *expansão da vida* deve vir acompanhada de sua realização. É a realização da vida do eu que força sua expansão. Portanto, realização e expansão devem ser a mesma coisa.

Desta maneira, a *expansão da vida* é o nosso único objetivo. A nossa atividade está em satisfazer nossa vontade implacável de vida. Além do mais, a lógica inevitável do eu requer que nós destruamos e eliminemos tudo aquilo que se oponha à *expansão do eu*. E, ao desobedecer a essa ordem, tudo fica estagnado, apodrece e se destrói.

III

A *expansão da vida* é uma propriedade fundamental da vida por si só. Desde os tempos primitivos, o homem vem lutando com o ambiente a seu redor e usando este ambiente para expandir o eu. Ademais, mesmo entre companheiros humanos, viemos continuamente lutando e usando uns aos outros de forma a expandir a vida. E estes conflitos e o uso dos seres humanos não são ainda realizados à luz do conhecimento desenvolvido, de modo que o caminho para o eu encontra-se perdido.

Os conflitos entre os homens, em vez de expandir a vida uns dos outros, acabou por se tornar um obstáculo. Em outras palavras, como resultado de métodos errados de lutas e usos, entre os homens existiram ambos os polos de conquistadores e conquistados. Este assunto já foi discutido em detalhes em “A Verdade da Conquista”.

A *expansão da vida* das pessoas conquistadas foi amplamente destruída. Elas praticamente perderam seu eu. Elas ficaram à mercê da vontade e do comando de seus conquistadores; tornaram-se escravas do trabalho, tornaram-se instrumentos. A vida pessoal e o autodesenvolvimento dos povos conquistados não puderam fazer nada que não estagnar e apodrecer.

Acontece o mesmo com os conquistadores. A corrupção dos escravos e a depravação não perdoam nem mesmo os mestres com seus danos. Além do mais, se nos escravos há o vício da escravidão, nos mestres há o vício do domínio. Se os escravos são submissos, os mestres são arrogantes. Ou seja, enquanto os escravos enfrentam suas vidas com relutância, os mestres destroem suas vidas com vigor. É o mesmo que criar obstáculo à *expansão da vida* de uma pessoa.

Ademais, os conflitos e abusos da raça humana e a luta da humanidade com o meio ambiente tornaram-se um obstáculo considerável ao uso deste espaço.

IV

Sempre que pensamos que os danos ao eu dessas polaridades estão para acabar, uma invasão ou revolução acontece aqui. Uma classe média com um eu relativamente saudável toma a iniciativa, a título de salvar o povo conquistado, e usa sua assistência para se elevar. Ou ocorre uma revolta desesperada da classe conquistada, sob influência da classe média. E, obviamente, sempre termina com a classe média se tornando um novo mestre. A história da humanidade é, em suma, este ciclo de repetição. Cada ciclo é uma repetição que passou por alguma revolução.

No entanto, a humanidade não conseguiu retornar ao primitivo, afinal. A humanidade não conseguiu voltar ao primitivo, onde não havia a divisão entre mestres e escravos. Não soube regressar à era livre primitiva, onde não havia autoconsciência, com a consciência mais que

suficiente que lhe fora dada. Não sabia que estava a repetir uma história de enorme significado.

Seres humanos mergulhados em uma sociedade de senhores e escravos por um longo tempo não são capazes de imaginar uma sociedade em que não haja senhor ou escravo. Não conseguem pensar em uma maneira melhor de expandir suas vidas, com exceção da autoridade exercida por alguém superior sobre ele, ainda que esteja em controle de si próprio.

Eles simplesmente escolhem os senhores. O nome dos senhores muda. E, finalmente, não ousam tocar no machado que é a conquista fundamental por si só. Este é o maior erro da história da humanidade.

Nós precisamos acabar com esta repetição da história. Esta peregrinação de milhares e milhares de anos já nos mostrou sua estupidez. Para acabar com este ciclo, precisamos realizar uma última imensa repetição. Para uma verdadeira *expansão de vida* como indivíduos, para uma verdadeira *expansão de vida* como seres humanos.

V

A verdade da conquista na sociedade moderna praticamente já alcançou seu ápice. Nem as classes de conquistadores, nem as classes médias, nem mesmo as classes conquistadas podem mais suportar o peso desta realidade. A classe conquistadora vem sofrendo com o desenvolvimento desta vida cheia de excessos ou anormal. A classe conquistada está sofrendo ao ser sufocada por uma vida de opressão. Até mesmo a classe média está

sofrendo pela pressão acumulada dessas duas classes. Esta é a principal causa dos problemas da vida moderna.

É neste ponto, para que o eu possa continuar a existir, que é preciso surgir o ódio contra a verdade da conquista. O ódio tem que gerar mais revolta. É preciso despertar o desejo por uma nova vida. As pessoas não devem possuir autoridade sobre outras; é preciso despertar a vontade por uma vida livre. Como esperado, este sentimento, esta ideologia, este desejo surgiu de uma minoria, especialmente da minoria de conquistados.

A revolta contra a verdade da conquista apareceu pela primeira vez como a única ação efetiva para satisfazer esse desejo implacável do nosso eu. Diante da verdade da conquista, ficou visível a destruição de todas as coisas que impedem a expansão da vida.

Eu vejo a beleza suprema da vida na expansão da vida, eu vejo a beleza suprema da vida na revolta e destruição, vejo a beleza suprema do meu eu de hoje. Quando a verdade da conquista atinge seu ápice, a harmonia não é mais tão bonita. Só existe beleza no caos. A harmonia é uma mentira. Só há verdade no caos.

Agora, a *expansão da vida* só se alcança por meio da revolta. A criação de uma nova vida, a criação de uma nova sociedade, somente é possível por meio da revolta.

VI

Em minha própria vida, no meio desta revolta, estou aproveitando a infinita beleza. E o significado daquilo que chamam de minha arte está resumido aqui. A execução é a ação direta do eu. E o desempenho da sofisticação

científica do cérebro de um homem moderno não pode ser chamado de uma execução “não realmente séria”. Não é uma execução que não tenha sido pensada antes e depois. Além disso, não é necessariamente uma execução para confiar a alguém.

Através de anos de observação e reflexão, é o desempenho que acredito que seja a ação mais efetiva do eu. É uma prática cujo cenário de um evento corrente se reflete completamente na mente, antes, depois e, obviamente, durante. Há um êxtase que acompanha a meditação. Há um fervor que acompanha o êxtase. E este fervor chama por uma nova ação. Então, já não há mais uma única subjetividade, nem uma única objetividade. Subjetividade e objetividade entram em um acordo. Esta é a fronteira de meu êxtase como revolucionário. É a fronteira da arte.

E quando estou nesta fronteira, meu eu contra a verdade da conquista, é o momento mais claro em meu coração. É o momento em que meu eu foi estabelecido com mais certeza. E toda vez que experimento esta fronteira, minha consciência e meu eu vão se tornando cada vez mais claros e confiáveis. O prazer do eu está transbordando.

VII

Este enriquecimento da minha vida é, ao mesmo tempo, a *expansão da vida*. E, ao mesmo tempo, a expansão da humanidade. Entre as ações do meu eu, vejo as ações da humanidade.

Além disso, não sou o único a tomar a direção de um eu mais efetivo dessa forma. Ainda que hoje sejam

poucas, existem pessoas conscientes de si mesmas, de seu relacionamento entre elas e o ambiente a seu redor, e que estão avançando neste caminho. Com exceção dos cegos, qualquer um pode ver que o pensamento da sociedade do futuro está sendo moldado.

Ao se estabelecer os fatos, por que na Literatura Japonesa contemporânea não se menciona a conquista como fato fundamental da sociedade, ou mais, que ela está hoje em seu ápice? Por que não tocar na raiz dos problemas da vida moderna? Dando um passo adiante, por que não tocar no fato de que há uma revolta contra isso? Não iremos tocar na criação deste novo eu, desta nova sociedade? Formada sobre uma base de conhecimento social confiável, a literatura criativa sobre a beleza do ódio e a beleza da revolta não irão surpreender?

Eu, atendendo a um pedido do meu eu, quero literatura contemporânea nesse sentido, quero ciência, quero filosofia.

(*Pensamento Moderno*, Capítulo 1, Volume 9, 1º de junho de 1913)

Tradução do japonês por Luíza Uehara.

Notas

¹ Atual Alemanha (N.T.).

² Max Stirner. *O único e sua propriedade*. Tradução de João Barreto. São Paulo, Martins Fontes, 2002 (N.T.).

³ No Japão, sul da Ásia (N.T.).